

info@marcador.pt
www.marcador.pt
facebook.com/marcadoreditora

© 2015
Direitos reservados para Marcador Editora
uma empresa Editorial Presença,
Estrada das Palmeiras, 59
Queluz de Baixo
2730-132 Barcarena

Título original: *Viagem ao Coração dos Pássaros*
Autor: Possidónio Cachapa
Revisão: Rui Augusto
Pré-impressão: Fotocompográfica, Lda.
Capa: Vera Braga/Marcador Editora
Fotografia do autor: © Ornella Ascolese
Imagem da capa: © Jill Battaglia/Trevillion Images
Impressão e acabamento: Multitipo – Artes Gráficas, Lda.

ISBN: 978-989-754-137-7
Depósito legal: 386 316/15

1.^a edição: Janeiro de 2015

Nota: A presente edição foi revista e editada pelo autor
tendo como base o texto original publicado em 1999

Para a Joana, que queria aprender a voar.

A INVISÍVEL
SOMBRA DE TI

Kika abriu os braços, fazendo o vestidinho cor-de-rosa elevar-se muito acima dos pés descalços, enquanto o vento girava e voltava a girar à sua volta. Encheu os pulmões de ar e uma felicidade fininha percorreu-lhe o corpo todo, completando-lhe, assim, a existência breve.

— Kika!... Kiikaa!... Ah... excomungada! — chamou a mãe, no princípio da vereda.

O sueste soprou mais forte, levando-lhe as palavras de maldição. Duas folhas de macieira bateram-lhe na cara. Não era a primeira vez que as árvores se vingavam nela, mas Evangelina não se apercebia, por ignorar que o reino vegetal é mais do que uma

composição de fibras e cores inanimadas. Mas se soubesse, teria dito, sarcástica, que aos pontapés das coisas e dos outros já estava, ela, habituada. E o seu olhar perder-se-ia entre as escarpas da montanha, onde o homem que ela julgara seu se tinha sumido, um dia, sem desculpas.

Kika, essa, conhecia de cor a linguagem das plantas. Já nesse tempo, embora não se desse conta, os frutos lhe falavam com alegria e as árvores lhe retribuíaam os abraços, envolvendo-a nessa energia telúrica das coisas que também são.

O Universo amou Kika desde a primeira hora, e ela retribuiu, achando-o feio e bonito, grande e pequeno, útil e inútil, tudo e nada.

— Kika! — voltou a clamar Evangelina.

Mas a menina não ouvia, suspensa no minúsculo carreiro que desamparava sobre o abismo. Lá em baixo, muito em baixo, brilhavam os primeiros quintais e uma vaquinha minúscula ruminava microscopicamente uma erva. Ao seu lado, a Levada corria, com um barulho discreto e húmido.

A seus pés, a estreita língua de terra bordejava agora sobre um vazio luxuriante. Kika abriu todos os dedos das mãos, como que encostando-se apenas a invisíveis lianas; fechou os olhos e deixou-se cair para o nada.

As paredes da encosta passaram por ela vertiginosamente, e Kika, abrindo os olhos, começou a rir, enquanto as plantas e as rochas desfilavam na vertical. O seu corpo caía a pique, volteando e revoltando como se ela fosse uma folha e o vento quisesse brincar. Kika era folha mas era tronco; era ar e era massa; era queda e era riso.

Aproximou-se, o solo, perigosamente, e, por uma fracção de segundo, ela teve receio do impacto.

Mas, como sempre acontecia, sentiu os braços por baixo de si; primeiro como um pressentimento, e, em seguida, desmesurados e fortes a agarrá-la e a subir de novo.

O seu corpo feito pena ia agora em sentido contrário, mas sem velocidade visível. Até que o topo aquático do princípio da Levada apareceu paralelo

e ela foi depositada, sem esforço, sobre as ervas amigas.

Kika sacudiu os restos de luz que trazia pegados ao vestido e preparou-se, com um suspiro, para enfrentar os gestos bruscos da mãe.

O SERMÃO DAS COISAS AQUÁTICAS

Filipe olhou o animal, que dava os últimos estertores dentro da poça aquecida, e sentiu que eram, os dois, filhos da mesma prisão.

As nuvens passaram lentamente sobre o Cabeço do Velho, formando figuras concretas de coisas e bichos.

— Aquela nuvem parece um cavalo — murmurou, convencido da sua originalidade. — Um cavalo-marinho.

Como os das pinturas da Igreja da Serra de Pau. Debaixo do minúsculo zimbório aninhavam-se tritões e figuras de ninfas, que só por muito boa vontade se atribuiriam à história de Santo António. Por

mais que o pároco se esforçasse por convencer os pagantes usuários da semelhança com os episódios da vida da piscícola santidade, havia sempre um desconfiado que mordiscava a palavra «sacrilégio». Mas o pároco fingia que não ouvia e, depois de fechar a porta, descalçava os sapatos negros, que colocava em volta do pescoço, presos pelos atacadores; arregaçava a batina e avançava pela rocha, onde ia encontrar o seu amigo pintor em contemplação das ondas. Debruçados sobre a espuma ruidosa, tinham grandes conversas sobre a grandeza de Deus e do Universo, que, quer para um, quer para o outro, eram a mesma coisa, embora as hierarquias pudessem variar.

Nada disto sabia Filipe ao contemplar o cavalo de barbatanas aladas, mas reconhecia que a beleza das coisas grandes se pode encontrar, quer no ar, quer no estuque. No olhar vítreo da moreia que tinha diante de si.

Precera no engano da maré que ali a tinha levado e se retirara sem aviso. Cada bicho tem o seu espaço vital e, quando entra por engano em poça menor, bem pode esparramar-se e abrir a boca, que

a morte é o seu destino obrigatório. A morte daquilo que é.

Estava Filipe nestes preparos quando ouviu vozes. Vinham da povoação. Antes que se aproximassem, meteu a moreia no saco para o jantar e co-seu-se contra a rocha escura.

— Casei com uma velha da Ponta do Sól... — cantavam os homens novos. Iam descalços e levavam os sacos cheios de castanhetas, bodiões e polvos que tinham pescado com canas e ferros, iguais aos que ele tinha, adormecidos, ao lado. Iam descalços como ele; a roupa tinha a mesma cor e o mesmo cheiro — entre o suor, o sol e o sabão. Conheciam todos o mesmo mundo de trabalhos e cantigas — sempre as mesmas — e as idas à igreja para se baptizarem, comungarem e casarem. O que os separava era o facto de Filipe reparar nas pinturas do tecto das igrejas e de julgar que existia mundo para lá da ilha.

Os homens e os rapazes caminhavam tão juntos que não se sabia quem eram uns e quem eram outros. Passaram perto, mas não o viram, por se ter ele enfiado na frincha negra de uma pedra.

A moreia abraçada ao coração.